

## Do Imaginário às Tecnologias: a noção de imaginário para pensar a comunicação<sup>1</sup>

Juliana TONIN<sup>2</sup>  
Larissa AZUBEL<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS

### Resumo

O presente artigo procura refletir sobre a noção de imaginário e aproximá-la dos estudos da comunicação. Para tanto, pretende-se estabelecer um caminho teórico partir da Escola de Grenoble, que, impulsionada pelas pesquisas de Gilbert Durand, década de 1960, constituiu uma das mais importantes correntes de pensadores sobre o tema. Dentre eles, destaca-se a proposta teórica de seu discípulo, Michel Maffesoli e de um pesquisador brasileiro, ligado à área da Comunicação, que se poderia intitular de “a terceira geração de Gilbert Durand”, Juremir Machado da Silva<sup>4</sup>. Silva está entre os pesquisadores brasileiros mais expressivos da geração inovadora da Teoria da Comunicação.

**Palavras-chave:** imaginário; comunicação; Durand; Maffesoli; Silva.

Imaginário?! O que é? De onde vem? Como atua? Inúmeras são as perguntas que se pode fazer a respeito desse tema. Muitas também são as respostas possíveis. Portanto, faz-se necessário escolher um recorte teórico, que vai permitir o exame coerente dessas e outras questões, capazes de lançar luz sobre sua natureza, suas funções e suas aplicações.

Optou-se pela escola francesa, que, impulsionada pelas pesquisas de Gilbert Durand, a partir década de 1960 (LEGROS et al. 2007), constituiu uma das mais importantes correntes de pensadores sobre o tema, a Escola de Grenoble, cujos expoentes mais significativos para a pesquisa, em comunicação, sobre o imaginário, no Brasil, são o já citado autor e seu também célebre discípulo, Michel Maffesoli. Este foi orientador de Juremir Machado da Silva, durante seu mestrado e doutorado, realizados na Université

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social. Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Famescos-PUCRS, e-mail: [juliana.tonin@pucrs.br](mailto:juliana.tonin@pucrs.br)

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Famescos-PUCRS, Bolsista CNPq, e-mail: [larissalauffer@gmail.com](mailto:larissalauffer@gmail.com)

<sup>4</sup> Juremir Machado da Silva também fez pós-doutorado na universidade supracitada, sob a orientação de Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Edgar Morin.

Paris Descartes, PARIS 5, França<sup>5</sup>. Silva está entre os pesquisadores brasileiros mais expressivos da geração inovadora da Teoria da Comunicação<sup>6</sup>, atuando na linha de *Cultura midiática e tecnologias do imaginário* e tendo já publicado diversos trabalhos sobre o assunto<sup>7</sup>.

Explicado o lugar de fala desse estudo, pode-se seguir adiante e abordar a noção de imaginário, segundo estes três autores. Começar-se-á, seguindo uma cronologia didática, com Durand (1998, p. 41), para quem, o imaginário é uma espécie de conector obrigatório pelo qual se formam todas as representações humanas: “Define-se como uma representação incontornável, a faculdade de simbolização onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais, jorram continuamente, desde os cerca de um milhão de anos em que o *homo erectus* ficou em pé na face da Terra”.

Assim, segundo o autor, o imaginário se forma pela sobreposição de diversos elementos, como o ambiente geográfico, os simbolismos parentais, o nível dos jogos e das aprendizagens e também dos símbolos e alegorias, determinados pela sociedade para uma boa comunicação (DURAND, 1998, p. 91). Na mesma obra, Durand explica como se dá a constituição do imaginário, ele argumenta que os seus conteúdos, como, por exemplo, os sonhos, os desejos e os mitos, nascem durante um percurso temporal e um fluxo confuso, para depois se racionalizarem numa teatralização social.

A perspectiva durandiana vê no imaginário, enquanto imaginação simbólica, um dinamismo equilibrador, que é capaz de beneficiar o homem de quatro maneiras, restabelecendo: 1) o equilíbrio vital; 2) o equilíbrio psicossocial; 3) o equilíbrio antropológico; e, 4) o equilíbrio universal (DURAND, 1998). O primeiro equilíbrio, o biológico, diz respeito à negação da morte e do tempo e está ligado às funções fabuladora e de eufemização. O segundo dá conta das utilizações pedagógicas e da adaptação do ser ao mundo. O terceiro se refere ao que o autor compreende por *sociatria*:

Da mesma maneira que a psiquiatria aplica uma terapêutica de reequilíbrio simbólica, pode-se então conceber que a pedagogia – que gira deliberadamente em torno da dinâmica dos símbolos – se torne uma verdadeira sociatria que dosa com

---

<sup>5</sup> Juremir Machado da Silva também fez pós-doutorado na universidade supracitada, sob a orientação de Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Edgar Morin.

<sup>6</sup> Segundo Hohlfeldt e Gobbi (2007), no livro *Teoria da Comunicação: Antologia de Pensadores Brasileiros*.

<sup>7</sup> Dentre eles, podemos destacar o livro individual *As tecnologias do imaginário*, bem como os organizados em parceria com Francisco Menezes Martins, *Para Navegar no Século XXI: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura* e *A Genealogia do Virtual: Comunicação, Cultura e Tecnologias do Imaginário*.

muita precisão para uma determinada sociedade, as coleções e as estruturas de imagens que ela exige para seu dinamismo evolutivo (DURAND, 1998, p. 105).

O quarto equilíbrio, chamado também pelo autor (1988, p. 106) de “museu imaginário”, seria capaz, por sua vez, de montar um “quadro compósito das esperanças e temores da espécie humana, a fim de que cada um nele se reconheça e se revigore”. Ele chama a atenção para o fato de que a multiplicação e a evolução dos meios de comunicação levaram à superprodução de imagens. Processo que, se por um lado, propiciou a anestesia da criatividade (DURAND, 1998, p. 118), por outro, pôde permitir “uma confrontação planetária das culturas e o recenseamento total dos temas, dos ícones e das imagens, em um *museu imaginário* generalizado de todas as manifestações culturais” (DURAND, 1988, p. 105). Assim, o homem se relaciona com imagens de civilizações diferentes da sua, o que, para o pensador, é a única possibilidade de constituição de um equilíbrio verdadeiramente ecumênico.

Herdeiro intelectual de Gilbert Durand, Michel Maffesoli (2002) lembra que por muito tempo, em função do paradigma racionalista, opôs-se o imaginário ao real, comparando-o a uma ficção. Segundo o autor, o resgate do imaginário deve bastar ao pensamento francês, e, em especial, à obra-prima de seu mestre, *As estruturas Antropológicas do Imaginário*: “A sua reflexão recuperou o que tinha sido deixado de lado pela modernidade e indicou como o real é acionado pela eficácia do imaginário” (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

Sobre a relação entre a imagem e o imaginário o autor (2001, p. 76) se posiciona, esclarecendo a noção de museu de seu mestre: “Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado”.

Para Maffesoli (2001, p. 80), o imaginário é sempre coletivo. Trata-se de uma dimensão ambiental, uma matriz que atua como força social, uma vez que, “na maior parte do tempo, o imaginário dito individual reflete, no plano sexual, musical, artístico, esportivo, o imaginário de um grupo”. Dessa forma, no imaginário estão presentes as ideias de compartilhamento e pertença.

Apesar disso, o imaginário não é como a cultura. A cultura trata-se de prática, conjugando fenômenos e elementos passíveis de descrição. O imaginário, por sua vez, tem sempre algo de imponderável, constituindo o estado de espírito que caracteriza um povo ou,

ao menos, um grupo/tribo, posto que é elemento de vínculo social. Há, sim, proximidade entre imaginário e cultura, mas o primeiro seria a aura que ultrapassa e alimenta a segunda.

O autor ainda diferencia imaginário de ideologia, visto que esta abriga um viés racional e utilitarista, enquanto aquele contém racionalidade, mas, ao mesmo tempo, é formado por outras esferas como o lúdico, o onírico, o afetivo, o imaginativo, o fantástico, o irracional, o não-racional, o sonho... Em suma, as construções mentais que potencializam as práticas, sejam elas relacionadas às culturas regionais, às ideologias políticas, etc. Ele possui uma complexidade transversal que atravessa todos os domínios da vida.

Maffesoli não tem uma concepção estrita do que seja o imaginário, para ele “a tentação do conceito, do rigor cartesiano, levou vários intelectuais a noções rígidas de imaginário, quando a sua força consiste no oposto, na maleabilidade, numa certa imprecisão” (2001, p. 79), porém acredita que, é possível esboçar uma noção para o seu entendimento e, citando Gilbert Durand (2002), pensa que se trata da relação incessante entre a subjetividade e as intimações objetivas. O pensador argumenta (2001, p. 80):

As intimações objetivas são os limites que as sociedades impõem a cada ser. Relação, portanto, entre as coerções sociais e a subjetividade. Nisso entra, ao mesmo tempo, algo sólido, a vida com suas diversas modulações, e alguma coisa que ultrapassa essa solidez. Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade. Uma abre brechas na outra.

Assim, o imaginário se relaciona intimamente ao estilo do tempo, também chamado por Maffesoli de ambiência ou clima. “O estilo, como ‘sociedade de uma época’, não deixa de lembrar a noção de clima, utilizada pela história das ideias, é que permite compreender como os valores de determinada época irão nascer, desabrochar e, finalmente, dar frutos” (1995, p. 30). No decorrer da história, há um vaivém entre estilos que se sucedem, chamados de períodos de dominância estática e períodos de dominância dinâmica (MAFFESOLI, 2012).

A marca dos primeiros é o *instituído*. “Instituições sociais estáveis, Estado-Nações bem delimitados, ideologias bem circunscritas no que o filósofo Jean-François Lyotard chamou de *grandes narrativas de referência* e, do início ao fim, o indivíduo com identidade tipificada e intangível”. Por outro lado, há épocas de predominância do *instituinte*, em que o *vir a ser* é fundamental. São tempos de fragmentação das instituições sociais, em que o Estado-Nação é trabalhado pelos diversos localismos e tem-se o fim das narrativas de

referência. “Há tantas tribos quantas forem as pequenas ideologias portáteis e, transversalmente, o estilhaçamento do indivíduo em pessoa plural” (MAFFESOLI, 2012, p. 72-73).

Segundo o autor, a sociedade contemporânea viveria a pós-modernidade, uma época de dominância do aspecto dinâmico, que teria sucedido a hegemonia estática da modernidade. Maffesoli (2001, p. 80) adota uma postura compreensiva para abordar o tempo presente. Neste ínterim, ele considera a técnica como fator “estimulação imaginal” e afirma que as tecnologias alimentam o imaginário. Defensor da internet como ferramenta para o vínculo, ele valoriza a forma, mostrando-se indiferente ao conteúdo:

Não é por acaso que o termo imaginário encontra tanta repercussão neste momento histórico de intenso desenvolvimento tecnológico, ainda mais nas tecnologias da comunicação, pois o imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação. Internet é uma tecnologia da interatividade que alimenta e é alimentada por imaginários. Existe um aspecto racional, utilitário de Internet, mas isso representa apenas uma parte desse fenômeno. O mais importante é a relação, a circulação de signos, as relações estabelecidas. Da mesma forma, a televisão e a publicidade articulam o emocional e a técnica (MAFFESOLI, 2001, p. 80).

O papel mediador da técnica, em especial das tecnologias da comunicação, na constituição do imaginário hodierno é o tema central de uma das obras de Juremir Machado da Silva, denominada *As tecnologias de imaginário*. Neste livro o autor compreende o imaginário como sendo, concomitantemente, reservatório e motor:

Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. [...] Motor, o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalizador, estimulador e estruturador dos limites e das práticas (SILVA, 2012, pp. 11-12).

Na esteira desse entendimento, Silva argumenta que todo o imaginário é real e todo o real é imaginário, pois eles se retroalimentam num processo ininterrupto. O autor compreende o imaginário como “uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente” (2012, p. 9). Ele vai ao encontro de Maffesoli ao insistir que “todo o imaginário é fabulação coletiva”, mas adiciona, “e apropriação/distorção individual”.

O autor lembra que “Gilbert Durand ensinou incansavelmente que o imaginário é o resultado das ‘pulsões subjetivas’ e das ‘intimações objetivas’”. E completa: “essas duas forças complementares/antagônicas necessitam de tecnologias de sedução para se capilarizarem no tecido social” (SILVA, 2012, p. 63). O imaginário revela-se através de suas expressões concretas, suas tecnologias. Assim é que o pesquisador (2007, p. 249), sustenta que todo o imaginário é rede e toda a tecnologia do imaginário é um ponto dela, um nó de conexão.

As tecnologias do imaginário constituem, portanto, “dispositivos (elementos de interferência na consciência e nos territórios afetivos além e aquém dela) de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida” (SILVA, 2012, p. 22), que atuam por meio da sedução, da adesão, comportando um interlocutor capaz de recusar-se ao jogo. São formas de materializar o etéreo e transformar a atmosfera de um tempo em corrente de uma época. “São dispositivos de cristalização de um patrimônio afetivo, imagético, simbólico [...]. São magmas estimuladores das ações e produtores de sentido. Dão significado e impulso, a partir do não racional, a práticas que se apresentam também racionalmente” (SILVA, 2012, p. 47). Sendo que, elas se manifestam em diferentes formas: “ora se apresentam como meios (rádio, televisão), ora como procedimentos, técnicas ou disciplinas (publicidade) ou, finalmente, como formas de expressão (literatura)” (SILVA, 2012, p. 69).

Para Silva, (2007, p. 248) “cada época produz, entre tantos imaginários, um espírito do tempo”. Portanto, já houve na era do rádio, com o nacional-socialismo, um espaço profícuo para se teorizar sobre as tecnologias do controle. Assim como, o marxismo, dos anos 1960, estimulou a reflexão sobre as tecnologias da crença e a Teoria Crítica frankfurtiana pensou, décadas após, as tecnologias do espírito/mente. Todas colocando a técnica (manipulatória) sob suspeita. No extremo oposto, há aqueles que acreditam no poder de emancipação do homem por meio da tecnologia e o pecado desta ponta seria, segundo o autor, a ingenuidade de pensar que o homem pode ser o senhor da técnica.

Porém, em um exercício de compreensão e relativização do papel da técnica na comunicação hodierna, o autor (2012) abre espaço para a noção de tecnologias do imaginário. Ele acredita que, na esteira da revolução informática, com o surgimento da internet e a explosão das novas tecnologias da comunicação é necessária outra leitura sobre o tema:

Passa-se do tudo é controle ou do tudo é instrumento ao jogo complexo da apropriação/distorção. Reinventa-se o olhar. Em uma sociedade totalitária,

indiscutivelmente os meios de comunicação são apropriados pelos donos do poder como tecnologias de controle. Ainda assim, restam brechas. Com as novas tecnologias, o controle torna-se potencialmente mais eficaz e mais difícil. Surgem fissuras por todos os lados. Nas sociedades democráticas, da mesma forma, o controle pode ser ampliado (câmeras por toda parte), mas prevalece o caleidoscópio. Por tudo isso, hoje é mais correto falar-se em tecnologias do imaginário, que não servem apenas à razão (intelecto, inteligência), mas também ao sensível (coração, lúdico, afetivo, onírico, fantasias) (SILVA, 2007, p. 248).

Dessa maneira, é relativizado o poder da emissão, levando em conta a potência da recepção na comunicação contemporânea. Não vivemos nem na hipnose completa nem na autonomia absoluta, há um meio termo para refletirmos sobre os produtos das diversas telas, ondas sonoras e páginas impressas e essa análise pode ser realizada a partir da compreensão dos meios como tecnologias do imaginário. Essa noção coloca o homem, ao mesmo tempo como sujeito e objeto da técnica, numa relação dialógica de sujeição/emancipação. Para Silva (2007, p. 250) somos o que fazemos da técnica e também o que ela faz de nós – manipuladores e manipulados (ou melhor, manipuláveis).

A noção proposta pelo autor pretende, ao mesmo tempo, “superar o reducionismo da noção de indústria cultural e englobá-la, permanecendo parte dela, mas enfatizando a margem, o ruído, em relação à manipulação, assim, como a ‘adesão’ em oposição à imposição” (SILVA, 2007, p. 250). E, para se compreender de maneira mais clara as diferenças e aproximações entre os quatro olhares para a técnica abordados neste artigo, traz-se o quadro proposto por Silva (2012, p. 60), que apresenta suas aproximações e diferenças:

#### **Quadro 01: Funções das tecnologias**

<b>Crença</b>	<b>Espírito</b>	<b>Inteligência</b>	<b>Imaginário</b>
Apassivadora	Apassivadora	Propulsora	Estimuladora
Manipuladora	Manipuladora	Cognitiva	Cognitiva
Valorativa	Judicativa	Intelectual	Afetiva
Catequizadora	Persuasiva	Indutora	Sedutora
Ideológica	Política	Racional	Cultural
Racionalizadora	Cientificista	Abstracionista	Concreta
Histórica	Universal	Planetária	Local
Verdade	Pragmática	Eficácia	Verossímil
Propaganda	Educação	Pesquisa	Publicidade

**Fonte:** Silva (2012, p. 60)

O quadro, bastante didático e autoexplicativo, nos permite uma comparação entre as diferentes tecnologias em diversos aspectos. As transformações da comunicação solicitam metamorfoses nos modos de ver e pensar os meios, as formas pelas quais elas se processam. Assim, um olhar fértil para o campo depende de uma postura epistemológica que leve em conta não apenas o racional, mas a subjetividade dos processos, no contexto pós-moderno de mudança no estatuto dos saberes, conforme as reflexões de Lyotard (2011). Apesar disso, devemos, outrossim, nos deter nos possíveis efeitos irônicos das tecnologias do imaginário, o lado obscuro para o qual também deve-se estar atento na pesquisa em comunicação:

A humanidade passou da inoculação à inspiração. O imaginário prefere o lúdico à catequese, mesmo se ambos produzem veneração. Assim, o lúdico consome o lúcido e a razão atmosférica sufoca a razão argumentativa. Mede-se a pressão do mundo com outros instrumentos. O império das tecnologias do imaginário não produz necessariamente um mundo melhor, emancipado, livre do lixo cultural, autônomo, rico (isso ainda é imaginário iluminista), nem o melhor dos mundos (utopia marxista e cristã), mas, em certo sentido, algo mais radical, extremo, incontornável: a submissão voluntária (adesão), subjugação consentida (audiência), dominação suave, limpa e regulada (consumo), conivência política e legítima (democracia formal). As tecnologias do controle nunca imaginaram tanta eficiência (SILVA, 2012, p. 71).

A investigação com a perspectiva do imaginário e suas tecnologias é bastante fértil e se mostra pertinente no contexto em que está inserida. Mas é sabido que todo esforço de investigação tem limites, afinal “diante do espelho, sempre nos surpreendemos um pouco. Sentimo-nos atraídos pelo estranho que nos contempla com ar curioso. Nunca saberemos quem realmente somos. Mas temos certezas imaginárias que nos orientam, consolam, guiam, realizam-se” (SILVA, 2012, p.73).

Silva (2012) também contribui com a teoria da comunicação, no que tange ao imaginário, com a proposta metodológica das “narrativas do vivido”, que partem dos pressupostos da sociologia compreensiva, sistematizada por Weber, que “propõe-se a compreender o par sujeito/objeto. Em lugar de demonstrar, mostrar. Em vez de definir, proceder por ‘aproximações sucessivas’ [...] Relativizar: pôr em relação. Relacionar” (SILVA, 2012, p. 74). Assim, levar em consideração tanto o racional quanto o afetivo, que não pode ser eliminado da análise sociológica pelo simples fato de não ser quantificável. O que nos leva, portanto, à metodologia proposta pelo pesquisador gaúcho:

Flagrantes de existência, retratos de época, instantâneos da eternidade fugidia, rastros da tecnologia no imaginário do impalpável, o amor, a paixão, a saudade, o sonho e a fantasia. O pesquisador das tecnologias do imaginário deve fazer a narrativa do vivido, como um etnógrafo das emoções e das práticas, a exemplo de um repórter de todas as paixões e acontecimentos do cotidiano. [...] O pesquisador de imaginários banha-se principalmente nas águas dessa sociologia compreensiva e da fenomenologia. Quer sentir como o outro, viver como o pesquisado, pôr-se no lugar do outro, sem ser outro, num vaivém que compreende e explica, vibra e distende, questiona e responde, observa e descreve, cobre e descobre, desvela, revela. Mostra. A fenomenologia e a sociologia compreensiva servem-lhe de métodos (caminhos a serem feitos na caminhada). O objetivo permanece inalterado: narrar o vivido. Construir as narrativas da existência (SILVA, 2012, p. 79-80).

O autor (2012, p. 81) coloca, portanto, que, por meio das narrativas do vivido, o pesquisador de imaginários conta o social que se conta através de práticas e fabulações, faz a crônica sociológica das pulsões comunitárias, descreve a atuação das tecnologias na produção de imaginários, coleta as informações da teia social, atuando como um repórter sociológico. Ele considera as narrativas do vivido como um ramo da sociologia compreensiva que pode trabalhar com muitas técnicas<sup>8</sup>, mas, em todos os casos trata-se de descrever como quem faz uma grande reportagem: “levantar os diversos pontos de vista em conflito, dar voz, fazer falar, radiografar, cartografar, relacionar [...], fazer emergir, produzir um mosaico, montar um painel, tecer os diversos fios de uma realidade imaginária e de um imaginário realizado” (SILVA, 2012, p. 83).

O processo envolvido nessa perspectiva metodológica tem três passos: primeiro, um estranhamento, que afeta a percepção do pesquisador e o provoca a descobrir, depois, um entranhamento, ou seja, um mergulho no outro, de forma a senti-lo. Para, finalmente, estar apto a uma descrição compreensiva do objeto (fenômeno) da pesquisa. Seguindo esses três passos, o narrador do vivido pode alcançar seu objetivo, o de “mostrar a presença do imaginário no concreto, do concreto no imaginário, identificar a força do imaginal” (SILVA, 2012, p. 86).

Desse modo, as narrativas do vivido se opõem à concepção clássica do conhecimento, fundada nos paradigmas crítico e científico, que buscava atributos como a coerência, a evidência, a unidade, a determinação última, a verdade, a universalidade, a clareza, a univocidade e a crítica, para privilegiar qualidades como a pertinência, a

---

<sup>8</sup> Entre as quais, o autor (2012, p. 82-83) cita: Observação participante (antropológica), Participação “observante” (sociológica), Pesquisação (comunicação), Histórias de vida (antropologia social), Entrevistas dialógicas (antropologia social), Etnografia e Grandes reportagens do cotidiano.

consistência, a diversidade, a probabilidade, a verossimilhança, a historicidade, os paradoxos, a plurivocidade e a ironia (SILVA, 2012, p. 91).

A pertinência desse tipo de pesquisa consiste, por conseguinte, segundo o autor (2012, p. 91), na originalidade e inventividade dos argumentos, na transparência dos processos de levantamento de dados, no rigor e na polissemia da apresentação argumentativa das informações, na capacidade de estranhamento, entranhamento, desconstrução e penetração no objeto, sem cair no deslumbramento, na legitimação pelos pares, na refutabilidade dos argumentos, em função da transparência narrativa, e na constante aceitação do teste da contradição.

## REFERÊNCIAS

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento comum: introdução à Sociologia Compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

\_\_\_\_\_. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. O Imaginário é uma Realidade. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, nº 15, pp. 74-81, ago. 2001.

SILVA, J. M. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

\_\_\_\_\_. Da indústria cultural às tecnologias do imaginário. In **Teoria da comunicação: antologia de pesquisadores brasileiros**. Porto Alegre: Sulina, 2007.